

Uma Questão de Património Linguístico Madeirense: Saloia/Saloio

A Question about Linguistic Madeiran Patrimony: Saloia/Saloio

*Helena Rebelo*¹

Para Carlos Dias, uma ajuda indispensável na recolha

Resumo

No Arquipélago da Madeira, realizam-se “visitas pascais” do domingo de Páscoa ao dia do Pentecostes. A acompanhar as insígnias do Espírito Santo, vão crianças chamadas “saloias”. Em praticamente todas as paróquias em que elas participam, são meninas. Estas raparigas de tenra idade vão trajadas de modo particular. Na pesquisa concretizada em todos os concelhos, houve uns casos com rapazes. É deles que se pretende aqui falar. Serão o masculino e o feminino equivalentes? Porquê o predomínio de meninas nas visitas? Por que razão a escassez de rapazes? Em que difere a presença de ambos? Estas são algumas das interrogações a colocar, condensando-se a problemática na questão do género gramatical (masculino/feminino) do termo que desencadeou uma pesquisa no âmbito do Património Linguístico da Região Autónoma da Madeira: o uso do termo “saloia” para “menina que acompanha as insígnias do Espírito Santo”.

Palavras-chave: Arquipélago da Madeira; Visitas das Insígnias do Espírito Santo; Saloias; Saloios; Género Linguístico.

¹ Licenciada e mestre pela Universidade de Coimbra, é docente na Universidade da Madeira (helenreb@uma.pt). Realizou uma qualificação em Ciências da Educação na Universidade Aberta. Doutorou-se em Linguística Portuguesa, na Universidade da Madeira, e desenvolveu, na Universidade de Aveiro, um pós-doutoramento. Dedicou-se aos Estudos Linguísticos e à Língua Portuguesa, estando ligada ao CLLC-UA – Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro – e ao CIERL-UMa – Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira. É sócia da AIL – Associação Internacional de Lusitanistas – e tem participado em encontros científicos com trabalhos publicados (*vide* <http://orcid.org/0000-0002-8345-9436>).

Abstract

In the Archipelago of Madeira, “Easter visits” take place from Easter Sunday to the day of Pentecost. To accompany the insignia of the Holy Spirit, go children called “saloiias”. In practically all the parishes in which they participate, they are girls. These young girls are dressed by a special way. In the research carried out in all counties, there were cases with boys. This is what we intend to talk about here. Are the masculine and the feminine equivalent? Why the predominance of girls in the visits? Why the shortage of boys? How does the presence of both differ? These are some of the questions that are to be addressed, condensing the problematic in the question of the grammatical gender (masculine/feminine) of the term that triggered a research in the Linguistic Patrimony of the Autonomous Region of Madeira: the use of the term “saloiia” for “girl who accompanies the insignia of the Holy Spirit”.

Keywords: Archipelago of Madeira; Visits of the Insignia of the Holy Spirit; *Saloiias*; *Saloios*; Linguistic Gender.

Introdução

Quando, numa conversa quotidiana sobre a variação linguística regional na Região Autónoma da Madeira (RAM), se pergunta quantos modos de falar existem, neste espaço insular, é frequente ouvir responder aos falantes autóctones que “cada sítio tem uma maneira específica de falar”². Ao tentar delimitar a área geográfica recoberta pelo termo “sítio”, verifica-se que lhe está subjacente um nome, isto é, está sempre associado a um topónimo distinto do de “lugar” – localidade menor pertencente a um “sítio” – e “freguesia” – localidade administrativa incluída no concelho –, como se houvesse uma escala gradativa relativamente à dimensão: ENORME – concelho, MAIOR – freguesia, MÉDIA – sítio e PEQUENA – lugar³. Esta mesma subdivisão parece existir no Algarve, segundo um testemunho recolhido em 2014. Assim, a crer nesta divisão empírica das variedades regionais (dialectos/falares ou subdialectos/subfalares) defendida por quem se dedica a estudar o assunto⁴, haverá tantas variedades quantos “sítios” (localidades de média dimensão) ou quantos concelhos (áreas administrativas conjuntas de localidades e, por isso, de enorme dimensão). Sem o saberem, esta ideia é repetida no discurso de estudantes universitários ilhéus, inclusive de Artes e Humanidades, que a defendem com afinco, justificando que, por exemplo, o léxico varia consoante esses “sítios”. Porém, têm faltado estudos científicos que corroborem esta posição.

² REBELO, 2011, «A variação na variedade regional madeirense. Aplicação de um teste perceptivo».

³ REBELO, 2014, «Património Linguístico Madeirense: alguns Aspectos Lexicais, Fonéticos, Morfológicos e Sintácticos».

⁴ SILVA, 2008, «Novos Apontamentos sobre Regionalismos Madeirenses».

Ora, uma semelhante visão fragmentada da realidade linguística regional não se coaduna com os propósitos científicos evidenciados, a título exemplificativo, na proposta de Lindley Cintra para a divisão dialectal do Português. Nela, o reputado linguista de Lisboa considerou haver dois grupos de dialectos: os Setentrionais e os Centro-Meridionais. Para a RAM, numa primeira fase, defendeu que o dialecto insular – sendo, agora, difícil especificar se é o arquipélago ou a ilha maior – faria parte do conjunto Centro-Meridional, por não ter as marcas conservadores dos Setentrionais⁵. Numa segunda fase, avançou que o caso da Madeira (a ilha, uma vez que não refere o Porto Santo) era singular, isto é, original, não integrando nenhum daqueles dois grupos⁶. Possuiria, segundo o autor, um conjunto de dialectos próprios. O plural é a reter. Contudo, não identificou ou delimitou áreas, nem especificou fenómenos para estas. Aliás, isso ainda não foi concretizado, nem mesmo tendo em conta posições que propõem uma distinção entre as maneiras de falar das duas ilhas habitadas: a do Porto Santo e a da Madeira⁷. A questão tem-se mantido.

1. Uma Proposta de Divisão em Áreas Linguísticas

A inexistência de dados substanciais que permitam esboçar uma resposta definitiva permitiu que se avançasse com uma proposta baseada em critérios históricos e geográficos. Relativamente aos primeiros, separaram-se as três capitanias: por um lado, a capitania de Bartolomeu Perestrelo (= cap. BP) para o Porto Santo e, por outro, a capitania de Tristão Vaz Teixeira (= cap. TVT) e a de Gonçalves Zarco (= cap. GZ), porque estas correspondem, sensivelmente, à separação entre Norte e Sul para a ilha da Madeira. Quanto, explicitamente, aos geográficos, opera-se com a divisão entre Norte e Sul para a pequena ilha do Porto Santo e a de Este/Oeste, com zona de fronteira no eixo Ribeira Brava – concelho integrado na parte Sudoeste – e São Vicente – concelho incluído na zona noroeste – para a ilha da Madeira. Esta divisão – baseada em ambos os critérios – é a que se tem vindo a testar (cf. Figura n.º 1).

⁵ CUNHA e CINTRA, 1995, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*.

⁶ CINTRA, 2008, «Os Dialectos da Ilha da Madeira no Quadro Geral dos Dialectos Galego-Portugueses».

⁷ Vide ROGERS, 1946, «Insular Portuguese Pronunciation: 1 – Madeira» e 1948, «Insular Portuguese Pronunciation: 2 – Porto Santo and Eastern Azores» ou MONTEIRO, 1950, «Porto Santo. Monografia Linguística, Etnográfica e Folclórica».

Figura n.º 1 – Proposta de Divisão do Arquipélago em Áreas Linguísticas a testar, segundo Critérios Históricos e Geográficos

Ilha da Madeira				Ilha do Porto Santo	
Cap. TVT	Noroeste	Nordeste		Cap. BP	Norte
Cap. GZ	Sudoeste	Sudeste			Sul

É essencialmente no âmbito do AMPER⁸ que esta proposta tem sido estudada, embora, nela, o Funchal seja considerado como um caso à parte por, *grosso modo*, o “grande Funchal” congregar metade da população regional. A ideia de subdividir o Porto Santo – pese embora a sua reduzida dimensão – realça a diferença de acessibilidade ao centro – a, presentemente, chamada “cidade Vila Baleira” – pelas populações: as mais isoladas do Norte (Camacha, Serra de Fora, etc.) e as menos isoladas do Sul (Campo de Baixo, Lapeira, Vila, etc.). O facto de dividir primeiro o território para testar, posteriormente, a variação linguística em áreas deveu-se à observação *in loco* da realidade arquipelágica. Esta é difícil para quem não tem meio de transporte próprio, ainda no século XXI, apesar de a mobilidade humana ser mais frequente do que há alguns anos, tornando-se uma constante e estando amplamente facilitada. No entanto, continua bastante diminuta para a população envelhecida, que permanece na sua “terra” (seja “lugar”, “sítio” ou “freguesia”), sendo, obviamente, dela representativa a nível linguístico e não só. A fraca mobilidade da população idosa é uma mais-valia para os Estudos Linguísticos e torna-se indispensável tirar dela partido porque tende a esvanecer-se com o desaparecimento das pessoas idosas.

Na procura de uma resposta consistente para saber até que ponto existem áreas linguísticas no arquipélago, com a possibilidade de traçar isoglossas, propõe-se partir do estudo do Património Linguístico. Centra-se a investigação no património ligado à tradição cultural imaterial das chamadas “saloiias do Espírito Santo”, ou seja, no próprio termo “saloiia”, amplamente em uso a nível regional. Esboça-se uma proposta, já que se defende que o estudo deste fenómeno da cultura tradicional religiosa existente em todos os concelhos da RAM poderá propiciar um fundamento em que radique uma divisão geolinguística.

⁸ MOUTINHO, AMPER – *Atlas Multimédia Prosódico do Espaço Românico*, disponível em <http://www.varialing.eu/>.

2. “As Corridas do Espírito Santo”

A tradição das conhecidas, a nível nacional, como “visitas pascais” é ancestral no Arquipélago da Madeira, mas existe, sob outros moldes, em diversos pontos lusófonos, nomeadamente no Continente Português e também no Arquipélago dos Açores ou no Brasil, pelo que se sabe até ao momento. Trata-se de uma vivência pascal-pentecostal conhecida no plano regional como as “visitas do Espírito Santo” ou as “corridas do Espírito Santo”. No território madeirense, a tradição tem-se mantido em praticamente todas as paróquias, salvo, como observado *in loco*, numa ou noutra, sobretudo as mais citadinas, em que as populações já não convivem e há um desconhecimento da vizinhança. Porém, a sua não realização sucede igualmente em algumas localidades rurais, visto que pode acontecer apenas num domingo e não em todos os do período pascal. Além disso, por exemplo em alguns “sítios” do Jardim da Serra, os organizadores das visitas decidem levar ou não “saloiias”, mas, na maioria dos casos desta freguesia, elas não vão a acompanhar as insígnias, podendo o sacerdote estar presente (Fotografias n.º 1 e n.º 2). No caso da Camacha, a título exemplificativo, as saloias apenas participam numa ou noutra ocasião das visitas como quando percorrem o comércio situado no centro da localidade (Fotografia n.º 3). Contudo, habitualmente, não seguem com as insígnias, embora possam estar nas visitas de alguns “sítios”.

Fotografia n.º 1 – Visita do Espírito Santo, no Jardim da Serra, com o sacerdote, mas sem saloias, 2018



Fonte: Fotografia da autora.

Fotografia n.º 2 – Visita do Espírito Santo, no Jardim da Serra, sem sacerdote ou saloias, 2018



Fonte: Fotografia da autora.

Fotografia n.º 3 – Visita do Espírito Santo ao comércio do centro da Camacha com a participação das saloias, 2018



Fonte: Fotografia da autora.

Como é compreensível, essencialmente o “campo” (localidades fora do Funchal e também do centro de Machico) regista esta tradição religiosa. Decorre desde o domingo de Páscoa até ao dia de Pentecostes, podendo realizar-se em todos os domingos deste período ou apenas em alguns, como ficou expresso. Isto vai depender do número de casas a visitar. Se houver muitas, maior será o número de domingos com visitas. Porém, se o número for reduzido, menos domingos serão

necessários. Andar à procura das visitas em diversas localidades é uma aventura sem igual, não se sabendo se se realizam ou não. Talvez a criação de roteiros religiosos diocesanos ajudasse, neste pormenor, a manter viva a tradição, dando-lhe maior visibilidade. Poderia mesmo tornar-se um chamariz para as populações vizinhas, o que, segundo alguns relatos, aconteceria no passado, formando-se como que um cortejo com a multidão que acorria à visita. É corrente na imprensa regional do século XIX, registando-se igualmente algumas nos séculos XX e nos primórdios do XXI, encontrar notícias relacionadas com as festividades do Espírito Santo. Por enquanto, os melhores informadores continuam a ser as populações que sabem por “onde anda o Espírito Santo”. Há quem, no passado, se lembre de estas visitas se realizarem durante os restantes dias da semana, não sendo as visitas exclusivamente dominicais, e crê-se que isso se devia à quantidade elevada de casas por onde as insígnias deviam passar.

Observadas na sua globalidade estas festividades, provavelmente, um dos elementos mais característicos e marcantes da tradição no Arquipélago da Madeira é a presença das crianças a que a população dá o nome de “saloias”. São meninas trajadas de um modo específico. Elas vão acompanhando os adultos com os seus cestos enfeitados. Eles transportam uma coroa “do império do Espírito Santo” (ou uma salva), uma bandeira e um pendão, podendo haver, igualmente, uma cruz ou um crucifixo. A questão que tem motivado a investigação em curso no âmbito do Património Linguístico é a de compreender a razão de ser do nome “saloia” atribuído à criança, uma menina, numa faixa etária pré-adolescente, neste contexto religioso católico: acompanhando as insígnias do Espírito Santo. Porquê este nome? De onde vem? O que o originou? Que relação existe entre o culto ao “Divino Espírito Santo” e a presença de saloias (uma particularidade madeirense, até prova em contrário) nas visitas pascais-pentecostais? Sendo o tema demasiado amplo, vai importar centrar a questão. Importa, agora, pelas razões expostas, a diferença entre “saloio” e “saloia”. Haverá apenas “saloias” a acompanhar as insígnias do Espírito Santo ou também haverá “saloios”? Que presença predomina nas visitas pascais? Haverá diferenças entre eles?

É indubitável que, para a Igreja Católica, a Páscoa é uma festividade mais significativa e central do que a do Natal. Todavia, a vivência do povo madeirense revela que a “Festa” é essencialmente o Natal. Então, como explicar a azáfama que a Páscoa provoca nos lares, em todos os concelhos, incluindo no do Funchal? É nesta altura, marcada pelo sol e o florescer primaveril, que se limpa a casa em profundidade e se prepara um espaço específico para pôr a mesa com comeres e beberes que vão receber o “Divino Espírito Santo”, quando (e se) se abre a porta à visita. A diferença estará neste ponto: enquanto no Natal as celebrações acontecem nas igrejas, da Páscoa ao Pentecostes, a celebração vai de casa em casa, recebendo cada família a presença divina, se é possível dizer assim. As visitas

das insígnias do Espírito Santo têm realmente um cunho local porque em cada paróquia os “sítios” (como ficou explícito: é a povoação mais pequena do que a freguesia, mas maior do que os “lugares” que integra) organizam-se e sabem quem recebe e em que dia está programada esta ilustre visita. É certo que a espera pode ser longa, podendo demorar mais numa casa do que noutra, uma vez que, em cada lar, há uma situação particular: viuvez, doença, emigração, etc. Porém, a população local sabe, desde a missa dominical da manhã, de onde partiu e quem leva as insígnias (sendo a tarefa da responsabilidade dos “festeiros”, isto é, mordomos), além de conhecer o percurso que vai realizar. “Ou vai de cima para baixo ou de baixo para cima: depende dos anos” – esta foi a explicação facultada por uma idosa do Jardim da Serra. Em Santana, houve quem dissesse que “a corrida do Espírito Santo” andava, naquele domingo, em determinado local porque, no anterior, tinha sido noutra. Procurar o ponto preciso com a finalidade de observar a manifestação, para quem vem de fora, não é tarefa evidente porque nada de exteriormente significativo indica a sua realização, embora o cantar e a música, quando existentes, possam ser indícios da sua passagem, bem como as pétalas de flores, maioritariamente de rosas, que se vão encontrando pelo chão ou, em algumas localidades, as luzes exteriores acesas das casas que aguardam a visita para a iluminar, assinalando o caminho.

Pensar no vocábulo “corrida” leva a considerar vários tópicos, nomeadamente estes três: a rapidez da visita, o percurso a fazer (desde o ponto de partida ao ponto de chegada, que é, normalmente, a igreja paroquial) e o movimento, ou seja, o andamento. Quanto a este último, por regra, a visita faz-se a pé (como no Continente, onde, em muitos locais, é designada como “compasso”). Porém, localidades da RAM há em que o relevo obriga ao uso de carros, sobretudo carrinhas de “caixa aberta”, como na localidade da Santa, onde, em 2018, a esposa de um dos homens que levavam as insígnias aguardava no carro para conduzir os membros da visita de um local para outro (Fotografia n.º 4). Na paróquia da Ponta Delgada, em 2017, também sucedeu que uma carrinha conduzisse todos os elementos ligados à visita até um ponto cimeiro de onde iam começar a descer, para, depois, todos seguirem a pé. Frequentemente, uma das “desculpas” dadas para a utilização deste meio de locomoção é o facto de as crianças terem alguma dificuldade em percorrer um relevo acidentado – com muitas subidas e descidas íngremes – como é tão característico no relevo madeirense. Aliás, esse foi o argumento ouvido na Camacha, tanto em 2017, como em 2018, para que as saloias não acompanhassem, em muitas localidades, as visitas, se bem que, no Curral das Freiras, onde o relevo consegue ser mais acidentado, as saloias estão presentes e caminham com as insígnias. Todavia, no dia do Cortejo do Pão, na Camacha, nas próprias ruas da localidade mais ou menos planas, mesmo havendo veículos automóveis, as saloias integram, a pé, o cortejo, embora também possam ser transportadas.

Fotografia n.º 4 – Na Localidade da Santa, em 2018, é usada uma carrinha



Fonte: Fotografia da autora.

Fotografia n.º 5 – Na Camacha, no Cortejo do Pão, há automóveis, mas as saloias vão a pé, 2018



Fonte: Fotografia da autora.

3. A Tradição das Saloias no Arquipélago da Madeira

Não se sabe desde quando existe a tradição das saloias associada à festividade do Espírito Santo no Arquipélago da Madeira. Como real tradição que é, a sua origem, assim como a sua causa ou a explicação para a sua razão de ser, perdeu-se na memória da comunidade com o passar do tempo. Também se desconhece quem lhe deu origem, ou seja, quem fez com que houvesse saloias aquando das visitas das insígnias. A reconstrução que se empreende a partir do que se conhece no presente,

pelas vivências que se recolheram, leva a afirmar que é uma tradição regional com manifestações locais específicas, assumindo contornos próprios nas diversas paróquias onde é perpetuada no presente.

O que em comum têm as várias saloias é o facto de existirem em todo o arquipélago, sendo, nos diferentes locais, designadas e conhecidas por “saloiias”. Ao nome associa-se o traje e há mais alguns pormenores a ter em conta, como os acessórios (nomeadamente o cesto de vime enfeitado, as pétalas de flores que vão distribuindo, entre outros pormenores). Elas são escolhidas por alguém da paróquia responsabilizado para o efeito. Muitas vezes, é também essa pessoa que as ensaia e distribui os trajes que podem, ou não, ser guardados nas sacristias. O processo de preparação das saloias do ano requer alguns cuidados e elas têm de estar prontas no domingo de Páscoa, já que nesse dia principia o seu aparecimento público. Em muitas localidades, participam, inclusive, nas procissões dessa data e, ocasionalmente, a sua marcante presença pode ver-se até à grande procissão do Corpo de Deus, no Funchal. Todavia, o número de saloias é aí insignificante e crê-se que seria interessante ver reunidos todos (ou pelo menos alguns) os membros das “visitas do Espírito Santo” da diocese, de que, evidentemente, não se pode esquecer o Porto Santo, onde esta manifestação religiosa se mantém viva nas paróquias, com algumas diferenças. Na procissão pascal em Santana, além dos membros das confrarias, seguem as insígnias do Espírito Santo, incluindo as saloias (cf. Fotografia n.º 6). Curiosamente, com elas, vão igualmente uns jovens rapazes (cf. Fotografias n.º 6 e n.º 7) que poderiam parecer “saloiios”, mas, a acreditar nas informações das populações, não o serão, como se explicará à frente.

Fotografia n.º 6 – Procissão do Dia de Páscoa de 2018, em Santana, com elementos das visitas das insígnias do Espírito Santo



Fonte: Fotografia da autora.

Fotografia n.º 7 – Na Procissão Pascal (Santana, 2018), participam rapazes trajados com vestimentas das mesmas cores usadas pelas saloias



Fonte: Fotografia da autora.

Presume-se que a tradição das saloias tenha vindo com os primeiros povoadores. Sendo os territórios insulares pertença do Infante D. Henrique e estando ele ligado à Ordem de Cristo, deduz-se que todos estes elementos constituem partes de um mesmo puzzle. Esta ordem religiosa portuguesa fundada por D. Dinis – após a extinção papal da Ordem dos Templários em todo o mundo cristão – tinha como símbolo duas cruzes sobrepostas que foram acompanhando as caravelas dos Descobrimentos: a vermelha era a dos Templários e a branca (uma cruz grega) central indicava que os religiosos portugueses eram inocentes. Aliás, este símbolo católico permanece, ainda hoje, nas bandeiras dos arquipélagos portugueses. Estas duas cores estão repletas de simbolismo e reencontram-se nos trajes brancos e vermelhos das saloias madeirenses. As que vestem como “viloas” e “camacheiras”, ou seja, camponesas, ainda hoje presentes nos grupos de folclore da ilha da Madeira, não correspondem, crê-se, à tradição inicial das saloias, tendo, no entanto, esta dualidade de traje uma explicação que não importa desenvolver aqui.

É preciso lembrar que, segundo a tradição popular portuguesa, a esposa de D. Dinis, a rainha Santa Isabel, está na origem das festividades do Espírito Santo em Portugal. Além disso, é indispensável recordar ainda que Alenquer, na zona limítrofe de Lisboa designada desde a época medieval como “saloia”, foi terra por onde Isabel passou e que a celebração do Espírito Santo é, aí, uma vivência antiga. O território a

norte da capital portuguesa recebeu esse nome porque era povoado essencialmente por “saloios”, isto é, camponeses que iam vender os seus produtos a Lisboa. Neles, estaria incluído o pão. Os dicionários indicam que “saloio” tem origem num termo árabe que significava originalmente “habitante do deserto” para vir a significar “habitante do campo”⁹. Esta área saloia é vasta e estende-se do norte de Lisboa até sensivelmente Leiria, integrando povoações como Alenquer (onde supostamente com a rainha Santa Isabel terá sido celebrada a primeira festividade em honra do Espírito Santo), Tomar (que mantém viva a tradição da Festa dos Tabuleiros dedicada ao Espírito Santo) e Fátima que é um santuário mariano, em que a última basílica a ser construída é dedicada à Santíssima Trindade, de que o Espírito Santo é a Terceira Pessoa. Além do mais, a contemplação da paisagem dessa região deixa ver alguns moinhos, significando que era mesmo uma zona em que o pão era um elemento essencial. Embora isso seja verdade para todo o território português, em que o pão (de trigo, centeio, etc.) foi e continua a ser um alimento elementar da dieta das populações. A moleira podia não ser padeira, mas também poderia conciliar as duas funções ou, então, elas eram distribuídas pelos membros da família. Não seria de estranhar que a mãe ficasse no moinho ou preparasse o pão para as filhas irem vender por diversas localidades. Não será por acaso que, em Tomar, sede da Ordem de Cristo, localidade saloia igualmente ligada à festividade do Espírito Santo, como se sublinhou, as jovens nabantinas levam à cabeça, na procissão do dia da festa que vai até à Misericórdia da cidade, um cesto chamado “tabuleiro”, enfeitado com flores e fitas, do tamanho delas com pão para doar aos mais necessitados. Recorde-se que muitas destas jovens combinam o branco com o vermelho nas fitas e no traje.

Por todas estas interligações que a temática suscita, e uma vez que o arquipélago madeirense foi, religiosamente, orientado pela Ordem de Cristo, enquanto não teve diocese própria – por sinal a maior, quando foi constituída, já que incluía as “novas terras” do “novo mundo” –, considera-se que as saloias madeirenses (assim como as jovens nabantinas com os seus cestos de pão) são uma reminiscência das padeiras da zona saloia. Sublinhe-se que a festa do Espírito Santo está ligada à partilha do pão e que faria sentido que ele fosse distribuído por quem fazia desse trabalho a sua vida. Aliás, o chamado “pão saloio” pode ser o comprovativo disso mesmo, não sendo uma associação linguística fortuita, ou seja, arbitrária, no sentido saussuriano do que é para Ferdinand de Saussure a “arbitrariedade do signo linguístico”.

⁹ Cf. HOUAISS e VILLAR, 2001, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*.

4. Saloia/Saloio: Dois Vocábulos Distintos

A pesquisa linguística suscitada pela singularidade de associar o termo “saloia” à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo, levou a considerar que o vocábulo, enquanto masculino, e entre outros sentidos que foi ganhando, representa um etnónimo, designativo da população de origem árabe que se terá instalado durante o período da Reconquista Cristã na zona limítrofe da capital, a norte de Lisboa e a sul de Leiria, passando, como se disse, esta região a ser identificada como a zona “saloia”, isto é, dos “saloios”. Segundo a etimologia da dicionarística portuguesa, “saloio” significa “habitante do deserto”, tendo derivado para “habitante do campo”.

O tema das “saloias” é vasto e, na impossibilidade de abordar esta temática no seu todo, considera-se unicamente a questão linguística do masculino “saloio” e do feminino “saloia” (no singular, mas recebendo igualmente o plural: “saloios”/“saloias”). Poderia pensar-se que “saloia” é o feminino de “saloio”, mas no arquipélago madeirense, com o uso de “saloia” no âmbito religioso, verifica-se que não é assim.

Os dicionários de Língua Portuguesa têm a entrada “saloio” com diversos sentidos. No entanto, nenhum regista a especificidade de sentido atribuída ao feminino “saloia”, próprio da RAM e presente em vocabulários, como o de Abel Marques Caldeira¹⁰, que não regista o masculino. Nos dicionários, encontra-se a entrada “saloio”, equivalendo-lhe um feminino que não ocorre como entrada dicionarística, já que estas obras apenas registam, pelos dois, o masculino. Por exemplo, o dicionário de Língua Portuguesa conhecido como “Houaiss”¹¹ indica a primeira ocorrência do termo em 1629 (atribuindo-a a Miguel Leitão de Andrade em *Miscelânea do Sítio [curioso!] de N. S.ª da Luz do Pedrógão Grande*) e faculta a seguinte definição de “saloio”, de que se retêm os sentidos 1, 2, 3 e 4:

- adjetivo: «1 que é dos arredores de Lisboa, a norte do Tejo, dos seus habitantes, ou que lhes diz respeito Ex.: a região s. abastecia a capital de produtos frescos 2 diz-se de certo pão feito de uma variedade de trigo durázio cultivada nos arrabaldes de Lisboa»;
- adjetivo e substantivo masculino: «3 diz-se de ou homem do campo das cercanias de Lisboa Ex.: <gente s.> <um s. da gema> 4 diz-se de ou camponês, aldeão, indivíduo rústico Ex.: <aparência s.> <um típico s. de Odrinhas> 5 Uso: pejorativo. diz-se de ou indivíduo que revela falta de civilidade, de traquejo social ou de bom gosto Ex.: <modos s.> <não passar de um s.> 6 Uso: pejorativo. diz-se de ou indivíduo que procede com manha ou velhacaria Ex.: <fazer-se de s.> <ser um s. em matéria de ladinice>».

A nível etimológico, este dicionário assinala uma origem árabe, apontando para um uso medieval da época de D. Dinis. Todavia, o registo da primeira ocorrência é do século XVII:

¹⁰ CALDEIRA, 1993, *Falares da Ilha*.

¹¹ HOUAISS e VILLAR, 2001, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*.

«ár. *Sahrawíí* através do ár. vulg. *Sahróí* 'habitante do deserto'; esta passagem é bastante elucidativa sobre o voc. *saloio* e seu uso: "[...] deixando el-Rei D. Afonso Henriques ficar no termo de Lisboa os mouros, em suas fazendas e lugares com obrigação de pagar o mesmo que aos seus reis mouros, a estes chamavam saloios [...].»

Observa-se que este processo não é idêntico ao das entradas dos vocabulários regionais porque alguns possuem a entrada "saloia", a que não corresponde um masculino. Veja-se, a título ilustrativo, *Falares da Ilha* de Abel Marques Caldeira:

«Salôia – Criança que, envergando o traje regional, acompanha as insígnias do Espírito Santo nos peditórios para a respectiva festa, cantando hinos, acompanhados dum orquestra. – E' vou acompanhar o Divino Espírito Santo, de saloia.»

Aliás, evidencia-se que prevalece o uso do feminino sobre o masculino em todo o arquipélago porque, ao feminino, se associa um sentido linguístico regional que não possui o termo "saloio" no uso português comum como ficou comprovado. Por conseguinte, a fim de dar a conhecer o tema, aborda-se, sumariamente, a distinção entre "saloia" e "saloio", quanto à vivência festiva do Espírito Santo no território arquipelágico madeirense.

O trabalho de campo que se tem desenvolvido nos diversos concelhos da RAM para recolher informações sobre a tradição das saloias do Espírito Santo tem evidenciado o uso recorrente do feminino no sentido de "menina trajada de modo específico que acompanha as insígnias do Espírito Santo" (cf. Figura n.º 2). Está comprovado que a população usa o termo nesse sentido em todos os lados por onde decorreu a recolha de dados, isto é, os 11 concelhos da RAM. Frequentemente, o uso até inclui uma síncope com a supressão da primeira vogal, ficando "s'loia". Este fenómeno fonético está, sobretudo, mas não só, presente nos falantes mais idosos, em todas as seis áreas histórico-geográficas pré-definidas, não se distinguindo em nenhuma delas a nível linguístico quanto ao uso do termo (cf. Figura n.º 2).

Figura n.º 2 – Uso de "Saloia" (do Espírito Santo) nas Áreas Linguísticas a testar, tendo Fronteiras Histórico-Geográficas

Ilha da Madeira		Ilha do Porto Santo	
Cap. TVT	Noroeste "saloia"	Nordeste "saloia"	Cap. BP
Cap. GZ	Sudoeste "saloia"	Sudeste "saloia"	Norte "saloia"
			Sul "saloia"

Quando se pergunta pelo masculino, as respostas vão variando (cf. Figura n.º 3). Isso resulta, decerto, das manifestações vivenciais da tradição.

Figura n.º 3 – Uso de “Saloio” (do Espírito Santo) nas Áreas Linguísticas a testar com base numa Divisão Histórico-Geográfica

Ilha da Madeira			Ilha do Porto Santo Cap. BP
Cap. TVT	Noroeste X	Nordeste X (saloio?)	Norte X
Cap. GZ	Sudoeste X	Sudeste “saloio”	Sul X

Os únicos locais onde se encontraram rapazes trajados de modo específico e coincidente com o das saloias foi em Santana, na procissão do dia de Páscoa, em Câmara de Lobos, no dia de Pentecostes, a acompanhar as insígnias do Espírito Santo na visita aos barcos (na realidade, um passeio marítimo) e, embora com traje diverso, na Assomada, aquando da própria visita. Vejam-se os três casos.

Em Santana, comprovou-se numa visita das insígnias num domingo de 2018, que dos três rapazes presentes, dois não levavam o traje da procissão (cf. Fotografias n.º 6 e n.º 7), mas vão como acólitos, sendo conhecidos e identificados, por vezes, como os “meninos da água benta” e o terceiro, embora se revista do traje, é igualmente associado à água benta (cf. Fotografias n.º 8 e n.º 9). Não se entende a diferença, mas também não se obteve resposta para a explicar. Fica, porém, o registo, para se vir, ou não, a comprovar a existência de “saloios” com as mesmas tarefas que as “saloias do Espírito Santo”.

Fotografia n.º 8 – Os rapazes não são tidos como “saloios”, mas como “meninos da água benta” (Santana, 2018)



Fonte: Fotografia da autora.

Fotografia n.º 9 – Em Santana (2018), numa visita das insígnias, segue um rapaz trajado e dois vestidos de acólitos, estando os três associados à água benta



Fonte: Fotografia da autora.

Em muitas paróquias, as insígnias são acompanhadas por acólitos, já que as casas e os barcos são benzidos, sendo abençoados. Por exemplo, isso aconteceu na Lombada dos Marinheiros. Operando, aí, os próprios jovens uma distinção clara entre eles e as saloias, apresentaram uma explicação do género de “nós fazemos isto e elas [as saloias] fazem aquilo” (cf. Fotografias n.º 10 e n.º 11).

Fotografia n.º 10 – Acólitos e saloias (Lombada dos Marinheiros, 2018)



Fonte: Fotografia da autora.

Fotografia n.º 11 – Visita do Espírito Santo na Lombada dos Marinheiros (2018)
com acólitos e saloias



Fonte: Fotografia da autora.

Em Câmara de Lobos, observou-se a existência de um rapaz que foi identificado como “saloi”. Porém, curiosamente, não entrou no cortejo que chegou à igreja para a celebração da missa campal do dia de Pentecostes, em 2017. A sua presença foi posterior (cf. Fotografia n.º 12), já a caminho do porto para o passeio dos barcos que tinham sido abençoados. Ficou por esclarecer o papel e a história do “saloi” em Câmara de Lobos porque não se conseguiram recolher informações que validassem qualquer interpretação para a sua presença. Porém, o termo “saloi” para o identificar foi ouvido.

Fotografia n.º 12 – As Insignias do Espírito Santo com as saloias e o saloi, Câmara de Lobos, 2017



Fonte: Fotografia cedida por Carlos Dias.

Na Assomada, embora o rapaz seja, simultaneamente, o acólito, a designação de “saloio”, tendo sido induzida pela pergunta para saber o que ele representava e porque estava trajado daquela maneira, foi usada como resposta. O masculino surgiu, então, numa sugestão por analogia com “saloia” porque, na prática, ele é, realmente, o “rapaz que leva a água benta”. Além disso, é ele quem vai, muitas vezes, à frente na visita, seguindo-o as insígnias.

Fotografia n.º 13 – Saloio e saloia da Assomada (2017), com as insígnias do Espírito Santo



Fonte: Fotografia da autora.

O traje masculino acastanhado e o vermelho com riscas da saloia fazem lembrar umas vestimentas típicas do folclore regional. Isso coloca questões como a de saber se a tradição das saloias é do domínio do folclore ou não. Defende-se que não o é em toda a RAM pelo seu valor religioso e pela dimensão de sagrado que comporta. Não se desenvolve nestas linhas, como ficou expresso, tendo sido abordado num outro artigo que aguarda publicação.

Fotografia n.º 14 – Saloio da Assomada, 2017



Fonte: Fotografia da autora.

Em síntese, de toda a recolha, há apenas usos para o masculino “saloio” aplicado no mesmo sentido de “saloia do Espírito Santo” em duas localidades da Costa Sul, na parte este da ilha da Madeira (cf. Figura n.º 3, o “X” significa inexistência da ocorrência): na Assomada (recolhido mais propriamente nos Moinhos), ou seja, na freguesia do Caniço, no concelho de Santa Cruz, e em Câmara de Lobos, onde se observou no centro e no porto. O caso de Santana difere um pouco dos dois anteriores porque, embora o traje indicie semelhanças com as “saloias”, o termo “saloio” não foi assumido para o designar. Assinala-se, no entanto, essa possibilidade com um ponto de interrogação (cf. Figura n.º 3), precisando o assunto de ter algum aprofundamento com mais recolhas para compreender o fenómeno dos trajes e das representações que não parecem ter consequências linguísticas. Nas localidades regionais em que se recolheram materiais, os rapazes participam nas visitas, sendo definidos como “acólitos” e não como “saloios”. Aliás, a própria vestimenta o reforça.

A Figura n.º 3 revela, no entanto, existir alguma diferença entre as áreas estabelecidas, parecendo concentrar-se o uso do masculino na vertente este da ilha da Madeira. Pode isto significar que a tradição das saloias está a ser alterada, fazendo com que os rapazes participem nas visitas ao mesmo nível que as raparigas, assumindo o mesmo papel? É provável que assim seja, embora não se tenham dados palpáveis

para o afirmar. Sabe-se que as tradições mudam, adaptando-se às circunstâncias da vida e dos tempos, embora, por serem o que são (tradições), mantenham elementos constantes que as permitem identificar e reconhecer. Na que se está a estudar, o que é certo é que as saloias predominam em comparação com os saloios porque eles correspondem a um número demasiado reduzido para ser significativo.

Conclusão

As visitas das insígnias do Espírito Santo percorrem as localidades de pequena e média dimensão do arquipélago, organizando-se nas paróquias com os “festeiros” responsáveis pela gestão do evento festivo. Seguem com a coroa ou a salva, o pendão e a bandeira, podendo também haver uma cruz ou um crucifixo. A acompanhar podem ir músicos e saloias. Às vezes, vai também um rapaz ou vão vários. Estes são tidos como os acólitos, por levarem a caldeirinha de água benta. Há, no entanto, outros que parecem não ter essa função, distinguindo-se deles.

Se se compararem as Figuras n.º 2 e n.º 3, verifica-se que o termo “salovia” (“s’loia”) está amplamente em uso em toda a RAM, não se distinguindo de qualquer forma em nenhuma das áreas pré-definidas, o que revela alguma homogeneidade e, por conseguinte, uma falta de variação linguística. O facto poderá evidenciar uma uniformização linguística (lexical, neste caso, por se tratar de um vocábulo), reconhecendo-se todo o território como apenas uma área. Evidentemente, este simples dado é insuficiente para validar categoricamente esta observação que precisa de mais argumentos, apesar de ser um ponto de partida. A continuação no procedimento com todos os vocábulos ligados às saloias (peças dos traje e adornos) ajudará, decerto, neste processo. De momento, para um provável correspondente masculino (“saloiio”), verifica-se que é pouco empregue e apenas se recolheu enquanto tal em duas localidades com visitas pascais: ambas na área sudeste. O fenómeno linguístico apresenta-se, por conseguinte, como insignificante. Contudo, merece atenção porque pode ser uma alteração à tradição, com repercussões linguísticas evidentes.

Se se multiplicarem os “saloiios do Espírito Santo”, deixará de fazer sentido propor uma entrada dicionarística no feminino, sendo preferível adicionar uma acepção à de “saloiio”. Se tal não suceder e se verificar que o “saloiio do Espírito” é uma novidade da ancestral tradição identitária feminina, continua o vocábulo “salovia”, no sentido dos vocabulários regionais madeirenses, a merecer honras de entrada de dicionário de Língua Portuguesa. Distancia-se o feminino do masculino, não sendo correspondentes por, neste pormenor, prevalecer “salovia” em detrimento de “saloiio”. Será, crê-se,

indispensável diferenciar “saloio-saloia” (etnónimo com extensão de sentido, incluindo valores pejorativos) de “saloia” (do Espírito Santo), que assume, enquanto regionalismo madeirense, contornos valorativos extremamente positivos.

Referências Bibliográficas

- CALDEIRA, Abel Marques, 1993, *Falares da ilha. (Pequeno) Dicionário da linguagem popular madeirense*, Funchal, Eco do Funchal, com coordenação de José Abel Caldeira.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley, 2008, «Os Dialectos da Ilha da Madeira no Quadro Geral dos Dialectos Galego-Portugueses», 26-12-1990, texto manuscrito, apresentado por João David Pinto Correia, no II Congresso de Cultura Madeirense, no Funchal, e transcrito, com algumas alterações, sob o título «Os Dialectos da Ilha da Madeira no Quadro dos Dialectos Galego-Portugueses», in FRANCO, José Eduardo (coord.), *Cultura Madeirense. Temas e problemas*, Campo das Letras, pp. 95-104.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley, 1995, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa.
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles, 2001, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda, Rio de Janeiro, Objetiva.
- MONTEIRO (DOS SANTOS COSTA), Maria de Lourdes Oliveira, 1950, «Porto Santo. Monografia Linguística, Etnográfica e Folclórica», separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, Editora Casa do Castelo e in *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. I, tomo II, 1947, pp. 340-390 / vol. II, tomo I, 1948, pp. 28-92 / vol. III, 1949, pp. 90-151.
- MOUTINHO, Lurdes de Castro (coord.), *AMPER – Atlas Multimédia Prosódico do Espaço Românico*, disponível em <http://www.varialing.eu/>.
- REBELO, Helena, 2011, «A variação na variedade regional madeirense. Aplicação de um teste perceptivo», in REBELO, Helena (coord.), *Lusofonia: tempo de reciprocidades, Actas do IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Agosto de 2008, vol. I, pp. 149-160.
- REBELO, Helena, 2014, «Património Linguístico Madeirense: alguns Aspectos Lexicais, Fonéticos, Morfológicos e Sintácticos», in DIOS, Ángel Marcos (ed.), *Língua Portuguesa, Estudos Lingüísticos*, vol. II, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 627-647.
- ROGERS, Francis Millet, 1946, «Insular Portuguese Pronunciation: 1 – Madeira», in *Hispania Review*, U.S.A., vol. XIV, pp. 235-253.

- ROGERS, Francis Millet, 1948, «Insular Portuguese Pronunciation: 2 – Porto Santo and Eastern Azores», in *Hispania Review*, Pennsylvania, Lancaster Press, vol. XVI, pp. 1-32.
- SILVA, António Carvalho da, 2008, «Novos Apontamentos sobre Regionalismos Madeirenses», in *Islenha*, n.º 42, jan-jun. 2008, pp. 62-78.